

A INFORMAÇÃO COMO RECURSO PARA A PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE JOVENS UNIVERSITÁRIAS

Data de aceite: 01/03/2023

Thelma Spindola

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro (RJ), RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-1785-5828>

Agatha Soares de Barros de Araújo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro (RJ), RJ, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/0405997493714914>

Laércio Deleon de Melo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro (RJ), RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-8470-7040>

Hugo de Andrade Peixoto

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro (RJ), RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-8982-158X>

Milena Preissler das Neves

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro (RJ), RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-3890-924X>

Luciana Ramos Bernardes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro (RJ), RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-1493-0981>

Nathália Lourdes Nepomuceno de Oliveira André

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro (RJ), RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-8188-6701>

RESUMO: Estudo descritivo, qualitativo, realizado no Rio de Janeiro, em uma universidade pública, com objetivo de discutir as informações das jovens universitárias sobre as infecções de transmissão sexual na perspectiva da prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Os dados qualitativos foram coletados com 27 estudantes por grupos focais. As informações foram armazenadas nos softwares Excel e Word. Os achados discursivos foram analisados pela técnica de análise de conteúdo temático-categorial. Todos os aspectos éticos e legais de pesquisa foram respeitados. As participantes tinham idades entre 18-24 anos; eram heterossexuais. Os conteúdos foram discutidos na categoria intitulada “A informação como recurso para a prevenção de IST”. Conclui-se que as participantes conhecem algum método para prevenção de IST, sendo o preservativo o recurso mais citado pelo grupo; reconhecem

a importância da informação correta sobre a prevenção de IST, contudo acreditam que deter a informação não é sinônimo de colocar o conhecimento em prática. Destacam que a informação deve ser repassada, conforme a realidade e necessidade apresentada individualmente por cada jovem, desvinculado da hierarquização do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Infecções Sexualmente Transmissíveis. Prevenção Primária. Saúde Sexual. Conhecimento. Vulnerabilidade Sexual.

INFORMATION AS A RESOURCE FOR THE PREVENTION OF SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS AMONG YOUNG COLLEGE STUDENTS

ABSTRACT: Descriptive, qualitative study, carried out in Rio de Janeiro, at a public university, with the objective of discussing the information of university students about sexually transmitted infections from the perspective of the prevention of Sexually Transmitted Infections (STIs). Qualitative data were collected with 27 students through focus groups. The information was stored in Excel and Word software. The discursive findings were analyzed using the thematic-categorical content analysis technique. All ethical and legal research aspects were respected. Participants were aged 18-24 years; they were heterosexual. The contents were discussed in the category entitled “Information as a resource for STI prevention”. It is concluded that the participants know some method for preventing STIs, with condoms being the most cited resource by the group; recognize the importance of correct information on STI prevention, however they believe that having information is not synonymous with putting knowledge into practice. They emphasize that the information must be passed on, according to the reality and need presented individually by each young person, disconnected from the hierarchization of knowledge.

KEYWORDS: Sexually Transmitted Diseases. Primary Prevention. Sexual Health. Knowledge. Sexual Vulnerability.

1 | INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) possuem impacto profundo na saúde sexual e reprodutiva em todo o mundo e são causadas por mais de 30 microorganismos dentre bactérias, vírus e parasitas diferentes, sendo o principal meio de transmissão o contato sexual com uma pessoa infectada, incluindo sexo vaginal, anal e oral sem o uso de preservativo.¹⁻³

Algumas IST são facilmente tratadas e resolvidas rapidamente. Outras, no entanto, são difíceis de tratar ou podem permanecer ativas mesmo depois dos sinais de melhora. As mulheres merecem uma atenção especial, pois os sintomas de uma IST podem ser confundidos com as reações orgânicas usuais do corpo feminino. Isso exige que as mulheres procurem atendimento de saúde periodicamente.⁴⁻⁵

Algumas IST, se não diagnosticadas e tratadas a tempo, podem levar a complicações graves e até à morte. Algumas, também, podem ser transmitidas da mãe infectada para o bebê durante a gravidez ou o parto, podendo causar interrupção espontânea da gravidez

ou complicações ao feto. Outras formas de transmissão são a transfusão de sangue contaminado, ou o compartilhamento de seringas e agulhas, principalmente durante o uso de drogas injetáveis.⁵⁻⁷

De acordo com dados do Boletim Epidemiológico HIV/Aids, o aumento de 64,9% das IST entre jovens de 15 a 19 anos e de 74,8% para aqueles de 20 a 24 anos, entre 2009 e 2019, é preocupante e tal situação é agravada pelo início das relações sexuais precoces. Corroborando com essa problemática, dados da Sociedade Brasileira de Urologia (SBU) de 2020 levantou que 35% dos jovens relatam não usar ou usar esporadicamente o preservativo nas relações sexuais. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), mais de 1 milhão de IST são adquiridas todos os dias, sendo registradas 374 milhões de novas infecções apenas no ano de 2020.⁸⁻⁹

Na perspectiva da prevenção de agravos para a saúde sexual das mulheres universitárias delimitou-se como questão norteadora: as informações que as jovens universitárias possuem sobre as IST podem ser consideradas um recurso para a prevenção das infecções? Sendo assim, objetivou-se discutir as informações das jovens universitárias sobre as infecções de transmissão sexual na perspectiva da prevenção das IST.

2 | METODOLOGIA

Pesquisa descritiva, qualitativa, realizado em uma Instituição de Ensino Superior (IES) Pública, situada no município do Rio de Janeiro (RJ), Brasil que oferta 32 cursos de graduação nas diferentes áreas do conhecimento segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Foram investigadas 27 universitárias do sexo feminino, sexualmente ativas, com idades entre 18 e 29 anos e presentes na ocasião da coleta de dados. Adotou-se a definição do Estatuto da Juventude, para compor o conjunto amostral, ao considerar jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos de idade.¹⁰ Contudo, cabe destacar que os jovens com idades entre 15 e 17 anos não foram incluídos na amostra, tendo em vistas as limitações éticas e legais.

O processo de coleta de dados ocorreu em dois momentos. No primeiro momento foram coletados os dados de caracterização sociodemográfica em 2018, com a aplicação de um questionário composto por cinco variáveis (idade, se tem filhos, religiosidade, matriz religiosa e orientação sexual).

No segundo momento foram capturados os dados discursivos com o uso da técnica de Grupos Focais (GF). Adotou-se uma amostragem intencional de 27 participantes, conforme os critérios de elegibilidade estabelecidos anteriormente. Foram realizados três encontros em uma sala reservada, na presença da investigadora principal que atuou como mediadora, e dois alunos do programa de mestrado acadêmico, que foram os observadores.

Os encontros dos GF foram realizados em 2018 e 2019 com duração média de 60-

90min. Os encontros foram gravados com auxílio de aparelho do tipo *media player* (MP5), após a autorização dos participantes e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) após informadas dos potenciais riscos e benefícios de sua participação que foram considerados mínimos.

Nos encontros dos GF foram discutidos os seguintes temas: sexualidade, condutas sexuais e gênero, IST, vulnerabilidade às IST, cuidados com a saúde sexual e educação para saúde. Os dados discursivos foram transcritos e organizados na íntegra em arquivo do *Software Microsoft Word 2018*, e tratados captando informações para facilitar a compreensão de percepções, crenças, atitudes relacionadas à temática investigada.⁵

No tratamento dos dados discursivos, utilizou-se da técnica de análise de conteúdo temático-categorial.¹¹⁻¹² A saturação teórica dos resultados foi obtida a partir da verificação da capacidade dos conteúdos em refletir a multidimensionalidade do objeto de investigação, visando o rigor metodológico e a qualidade dos resultados apresentados.¹³

Todos os procedimentos éticos e legais de pesquisa envolvendo seres humanos foram respeitados. A investigação matriz foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição sede do estudo sob o Parecer Consubstanciado nº 1.577.311.

3 | RESULTADOS

As 27 jovens universitárias apresentaram a seguinte caracterização sociodemográfica: tinham idades entre 18 e 24 anos, 13 (48,14%); não tinham filhos, 15 (55,55); oito não namoravam (29,62), enquanto sete referiram ter namorado (25,92); quanto à orientação sexual 13 eram heterossexuais (48,14%).

Na análise de conteúdo do tipo temático-categorial o *corpus* dos GF resultou em Unidades de Registro (UR), que foram distribuídas em temas, ou Unidades de Significação (US), e agrupados em uma única categoria a **informação como recurso para a prevenção de IST entre jovens universitárias** com 25 (26,59%) US.

A categoria representou 24,42% do total de UR e destacou a influência das informações que os jovens detêm sobre o uso do preservativo. Os jovens, mesmo conhecendo a importância do uso de preservativos para prevenir agravos para a sua saúde, nem sempre usam e referem ter consciência dessa escolha. A falta de conhecimento influencia diretamente a utilização de métodos de prevenção, e torna os jovens vulneráveis às IST.

Eu acho que as pessoas não sabem realmente o que é uma doença sexualmente transmissível, elas sabem falar "ah se eu transar sem camisinha vai acontecer isso", mas a consciência ela não tem. (E.8).

As jovens informaram que na atualidade as pessoas não acreditam na existência das IST, a medicina evoluiu e possui remédios para o controle da aids. Esses fatores favorecem para que os jovens se exponham aos Comportamentos Sexuais de Risco (CSR), pois

acreditam que com eles não vai acontecer.

Então acho que às vezes, as mulheres ficam nessa “ah não tem cara que tem, ah vou confiar né” ou então “ah é conhecido” sabe “ah é um menino que eu vejo sempre saudável, que corre e tal” e isso não quer dizer nada, porque hoje em dia, o paciente que tem HIV vive muito bem né, ele é saudável. (E.1). O senso comum das pessoas é que todo mundo sabe tudo, todo mundo sabe como se prevenir, todo mundo sabe o que tem que fazer. Sendo que na realidade, nem todo mundo sabe e mesmo quem sabe, fica nessa de “eu sou exceção, nunca vai acontecer comigo”. Só que exatamente aí que acontece. (E.6). O medo protege, mas hoje em dia ninguém tem medo, pois o pensamento é: “a medicina está muito avançada, não vai acontecer comigo”. (E.7). [...] vai acontecer com todo mundo (se contaminar) uma infecção sexualmente transmissível, por exemplo, por exemplo, mas comigo não vai acontecer porque eu detenho desse conhecimento, dessa informação. E aí se mesmo assim eu não me protejo como é que comigo não vai acontecer? Então hoje, principalmente nesses grupos jovens, eu percebo muito isso, eu até oriento ao outro, eu sou consciente daquilo, mas relaxa comigo não vai acontecer. É uma coisa que me chama muita atenção. (E.9). Acho que hoje em dia a gente ligou que “ah tem coquete!” aí diz “ah, ninguém mais morre de Aids!” Então, não tem problema. O que é errado porque continua sendo um problema. Então eu acho que existe essa banalização. (E.14)

Em seus relatos deixam claro que ter conhecimento sobre o recurso não é sinônimo de utilizá-los. É importante conscientizar os jovens sobre a importância do uso do preservativo para a prevenção de agravos para a sua saúde.

Por não reconhecerem a importância que tem as infecções, só colocar a camisinha vai ser um detalhe que assim, pode ser esquecido. Bota a camisinha para prevenir o que? Não diz a importância do preservativo, porque quando você conhece, você tem acesso, aí foi uma escolha sua, é uma escolha sua se você vai querer usar ou não. Mas quando você não tem o acesso, você não conhece, você fica muito mais, você se expõe muito mais ao risco. (E.2). Ensinar a colocar todo mundo ensina, mas enfim, tem que ser “por que você precisa colocar? O que você está prevenindo? Quais as coisas podem aparecer no seu corpo? E se aparecer, onde você vai tratar, o que pode desencadear?” (E.3). Eu acho, também, que vai muito da descrença também, que a gente tem uma parte, assim, grande da população que hoje em dia tem o conhecimento e que mesmo assim não pratica (E.4). O estranho é que hoje em dia a gente tem mais acesso a informação, mas ainda continua sendo um tabu. Parece que ninguém pega uma doença transmissível ou alguma coisa sexualmente transmissível. (E.7)

Além disso, ressaltaram a importância de como passar essa informação para os jovens, seja através da escola, mídia ou eventos.

Eu já vi uma discussão que falava que tem gente que acha que distribuição de camisinha é passar conhecimento. (E.8). Hoje em dia, só vê comercial de preservativo no carnaval que é a grande época, então eu acho também que falta esse incentivo da mídia porque ela tem esse papel de promover, de conscientizar. (E.14). A escola deve dar importância ao estudo das anatomias femininas e masculinas e do uso de preservativo e não se limitarem ao uso apenas a camisinha masculina por exemplo para você ensinar os diferentes

preservativos ao invés de usar apenas 1. (E.15)

Quando questionadas como elas aprenderam sobre as IST as entrevistadas relataram que foi através da curiosidade, do contato com outras pessoas, seja parceiro ou amigos, na escola ou na internet.

Tudo que eu já conversei com a minha mãe foi sobre gravidez, ela desconhece DST. Sobre isso eu só aprendi pela internet. Meus pais falavam para eu não chegar em casa com “barriga”, mas não me ensinaram como preveni-la. Foi muito mais um aprendizado com a vivência, além da curiosidade. Eu estudei em uma escola católica onde tínhamos abertura para falar sobre qualquer assunto, mas caíram no mesmo erro que mostrar em uma aula as fotos absurdas. (E.5). Com parceiros, pela internet, com os erros e acertos. Com os pais não. (E.8)

As jovens universitárias ao serem questionadas sobre os métodos de prevenção para IST destacaram o uso do preservativo, além de apresentar outros métodos que elas reconhecem como o não compartilhamento de seringas.

Abstinência (Todas as entrevistadas). Usar preservativo (Todas as entrevistadas). Não compartilhar seringas. (E.1). Em estúdios de piercing, tatuadores, tem que ter muito cuidado ao verificar o material sendo aberto. (E.3). Reforçar a educação em saúde. Acho que você tem de chegar, distribuir sim camisinha para as pessoas. A gente se preocupa em remediar, não em prevenir. (E.8).

4 | DISCUSSÃO

A obtenção de um diploma tornou-se nos últimos anos meta de muitos jovens, devido à exigência de maior qualificação profissional e aprendizagem contínua para adentrar ao mercado de trabalho. Com isso, permanecem estudando após o término do ensino médio e seguem para a faculdade. A tendência atual, portanto, é que os jovens ingressem cada vez mais precocemente no âmbito universitário.¹⁴⁻¹⁶

Pesquisas apontam que os universitários têm idades na faixa etária de 18 a 21 anos.^{17,18} No que tange aos aspectos sociais e demográficos, o perfil das participantes do estudo se assemelha a outras investigações.^{1-2,5-14,19-20} A amostra foi constituída por universitárias, a maioria com idades entre 21 e 23 anos, consideravam-se religiosas e eram praticantes católicas, se autodeclararam heterossexuais e não tinham filhos.

No entanto, percebeu-se alguns aspectos que levaram inicialmente à seguinte compreensão: a juventude é uma fase da vida em que surgem inúmeras descobertas, que por sua vez, vem acompanhada de responsabilidades juntamente aos vínculos sociais. Segundo as jovens entrevistadas, identificou-se que neste período da vida, com o início de relações afetivas íntimas, elas devem estar acompanhadas de responsabilidades e de condutas sexuais seguras, bem como respeito entre as parcerias sexuais e nos comportamentos sexuais adotados.

A população universitária é composta majoritariamente por jovens com vida sexual ativa. A entrada na universidade possibilita a vivência de um mundo novo, repleto de novas experiências. O fato de adentrar na universidade, ainda na juventude, faz com que convivam com uma nova realidade, tendo de se adaptar ao curso, estabelecer vínculos e criar novas amizades. Além disso, costumam frequentar festas, ficam expostos ao álcool e drogas, e vivenciam situações que antes eram proibidas ou limitadas pela proximidade com a família.²¹

Nesse aspecto, cabe acrescentar que estudos apontam que o público feminino é mais vulnerável que os homens quando utilizam álcool, já que possuem níveis de concentração maiores da substância no sangue quando fazem o seu uso. Além desse fator, o álcool pode ser convidativo para que esse público experimente outras drogas tornando-as mais vulneráveis a adoção de CSR devido à embriaguez, com maiores chances de terem práticas sexuais desprotegidas, estando mais expostas ao risco de IST e/ou a uma gravidez indesejada.²²⁻²⁴

A maioria das participantes deste estudo, se identificou como heterossexual, mas algumas se declararam bissexuais e homossexuais. Em outro estudo, percebe-se as mesmas falas quanto à orientação sexual, ou seja, a maioria, com 85%, se declarou heterossexual e apenas 6,11%, homossexual.²⁵

Na análise de conteúdo temático-categorial emergiu a categoria “A informação como recurso para a prevenção de IST” As jovens entrevistadas relataram que ter conhecimento não é sinônimo de realizar uma prática sexual segura e utilizar o preservativo. A falta de conhecimento, contudo é um fator que influenciou diretamente na utilização do método de prevenção. Percebe-se que algumas participantes da pesquisa afirmam que não há como saber se um parceiro possui ou não IST, simplesmente pelo fato de parecerem saudáveis. Tal assertiva vai de encontro com um estudo que diz sobre as crescentes taxas de IST que acontecem cada vez mais na população mais jovem, com destaque para o *Human Immunodeficiency Virus* (HIV) e da *Immunodeficiency Syndrome Virus* (Aids).²⁶

Algumas jovens relatam que o fato de a medicina estar avançada faz com que os jovens universitários não tenham tanto medo de contraírem IST. Tal declaração vai de encontro ao estudo que trouxe sobre a prevalência de IST entre os homens adolescentes que fazem sexo com homens e mulheres transexuais com elevado risco de infecção pelo HIV, pois o mesmo estudo indicou que o risco é aumentado pelas práticas sexuais desprotegidas, múltiplas parcerias, bem como vulnerabilidades sociais e econômicas.²⁶

Esta pesquisa contou com a participação de universitárias, então, outro estudo recente levantou um dado preocupante sobre o quanto as mulheres estão se protegendo contra IST, avaliando o uso de preservativo em todas as relações sexuais nos 12 meses anteriores à entrevista. A prevalência para a população brasileira foi de 22,8% e maior entre os homens (24,4%) que entre as mulheres (20,9%), ou seja, as mulheres estão se protegendo menos.²⁷

Outro estudo indicou que os jovens julgam ter todo conhecimento sobre as IST, porém, quando questionados sobre as formas de transmissão das infecções, mais da metade desconhece, e embora os universitários possuam grau de escolaridade superior, ainda é considerado insatisfatório seu nível de conhecimento acerca das IST. Assim quando se trata dos riscos que existem quando negligenciam o uso do preservativo, tornando-se vulneráveis tanto às IST como a gravidez indesejada e/ou situações de aborto.²⁶

Além desses fatores, investigações apontam que os jovens procuram o serviço de saúde quando identificam os sintomas causados pelas IST, mas, com relação às assintomáticas, desconhecem e acabam por apresentar um diagnóstico tardio, fazendo com que sua saúde esteja sob condições de risco. É necessário ressaltar que com relação à contaminação, a sífilis, cancro mole, herpes, candidíase, clamídia e aids foram citados pelas mulheres num estudo com relação às infecções nas quais já tiveram contaminação, respectivamente. Dessa forma, também apresentaram um conhecimento significativo sobre essas infecções. As mulheres que não haviam contraído nenhum tipo de IST apresentaram um percentual menor de conhecimento. Nesse contexto, é possível concluir que o conhecimento também está associado a uma curiosidade maior quando a questão é cuidar da própria saúde.²⁸

Sabe-se, que a população jovem apresenta baixo conhecimento relacionado às IST, essa conotação é comprovada em estudo que verificou a prevenção de IST nos roteiros sexuais de jovens tendo concluído que alguns universitários apresentam conhecimento insuficiente sobre as IST, sendo maior em relação às infecções mais difundidas, como o HIV/Aids que é divulgado em diversos meios de comunicação, enquanto as demais, embora apresentem grau elevado de gravidade e de incidência, como a tricomoníase, além de confundirem IST com algum tipo de virose, como a mononucleose.²

As universitárias participantes desta pesquisa relataram conhecer algum método de prevenção de IST, tendo referido o preservativo como método principal. Foi mencionado, também, a abstinência, o não compartilhamento de seringas e agulhas, evitar múltiplos parceiros, uso de materiais estéreis em estúdios de tatuagens, a política de redução de danos e um reforço a educação em saúde. Estudo constatou que o risco real para contrair IST em uma relação sexual sem preservativo é elevado, com qualquer tipo de parceria sexual. Na presença de maior risco em um sexo casual, percebe-se que o preservativo tende a ser adotado como medida de prevenção para IST ou uma gravidez não planejada. E, ainda, que estar em uma relação estável não previne a mulher do risco de contrair IST.²⁹

Cabe enfatizar que o uso preservativo é um recurso muito discutido, pois quando se trata da relação entre homens e mulheres, os homens têm maior poder quanto ao uso nos intercursos sexuais. A negociação do preservativo costuma ser baixa entre os parceiros, e o modelo masculino é mais utilizado nos intercursos sexuais, tornando as mulheres mais vulneráveis e sem poder de barganha. Investigações sinalizam que o preservativo feminino, ainda, possui uma baixa adesão por inúmeros fatores, dentre eles: pouca procura por parte

das mulheres, produção em baixa escala em comparação ao preservativo masculino, indisponibilidade nas unidades de saúde, aparência desagradável, o que favorece para que a mulher use mais o preservativo masculino.³⁰⁻³¹

Essas informações corroboram com dados de uma pesquisa transversal, que foi realizada a nível nacional, com 17.809 mulheres, e que utilizou dados secundários da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) sobre métodos contraceptivos e planejamento familiar. Os resultados apontam que apenas uma a cada quatro brasileiras utiliza o preservativo. Nesse cenário se percebe a elevação do número de registro de aids no grupo feminino nas últimas décadas, com 48,7% dos casos em mulheres na faixa etária de 25 a 39 anos, no período de 1980 a 2018.³²⁻³³

Embora os jovens digam possuir todo o conhecimento acerca das IST, quando são questionados sobre práticas de prevenção, mitos e cura dessas doenças, se observou que existe uma lacuna de conhecimento: “usar preservativo é a melhor maneira de evitar que o HIV seja transmitido durante a relação sexual”? A maioria dos entrevistados informou que era verdade. Esse dado ratifica que a melhor forma de prevenção para IST é o uso do preservativo. O fato de conhecer essa informação não está associado, necessariamente, ao uso desse recurso já que as jovens deixam de usar o preservativo. Sabe-se que possuir múltiplas parcerias é um fator de vulnerabilidade a exposição por IST, como também, a diversidade e formas de relacionamentos.²⁶

As jovens relataram que adquiriram conhecimento sobre a sexualidade, as IST e uso de preservativos com seus pares, escolas ou *internet*, pela curiosidade. Com os pais/família esse assunto é um tabu. A deficiência da comunicação entre os familiares e os jovens têm influência de tabus e mitos. Pesquisas apontam que os jovens reconhecem a corresponsabilidade dos pais para conversar sobre esses assuntos, porém ainda se percebe a dificuldade para estabelecer um diálogo, fazendo com que os pais, muitas vezes, transfiram essa responsabilidade para a escola.^{27,29}

Percebe-se nas falas que as barreiras encontradas no diálogo com os familiares conduzem os jovens a buscar outras fontes de informação. Os amigos representam um grupo próximo aos familiares com os quais as estudantes relataram ter obtido as primeiras informações sobre sexualidade e com quem se sentiam mais confortáveis para dialogar. No entanto, outro estudo relata que um dos motivos para o uso descontinuado de preservativos, seria a despreocupação com os riscos de IST, ou seja, o uso desse recurso estaria mais relacionado à prevenção de uma gravidez não planejada que de uma possível IST.²⁷ Os jovens, em muitas situações, podem buscar informação junto a seus pares, mas os conselhos dos amigos nem sempre são adequados, podem estar equivocados e influenciar uma prática sexual insegura.²⁸

As universitárias em seus relatos destacaram a importância de passar informações seguras e claras para os jovens. Sugerem que as escolas deveriam oferecer educação para a saúde, com auxílio de mídias para expor a realidade, livre de tabus e repressões.

A prática da educação em saúde permite uma aproximação entre o profissional e o jovem para que se possa discutir a realidade onde ele está inserido, construindo o conhecimento a partir das referências que tem significação para ele, contribuindo para a formação de indivíduos com uma visão crítica acerca da temática.^{29,34}

Estudos afirmam que a universidade por ser uma instituição que propõe como uma de suas metas o desenvolvimento local e regional, deve, sobretudo, promover melhorias na Qualidade de Vida (QV) da população que a circunscreve. Quanto ao processo de formação dos jovens, é necessário enfatizar o papel desses estudantes como agentes transformadores. As ações de educação em saúde sobre as IST são necessárias, pois direcionam o olhar para necessidades específicas, empregando a escuta ativa e compreensão dos fatores biopsicossociais dos jovens. A importância de metodologias ativas como ferramentas e estratégias eficazes no fomento de conhecimento pode contribuir com a redução do CSR e a quebra de tabus.³⁵⁻³⁶

Nesse sentido, a relação profissional/jovem precisa ser bem estabelecida, para que haja uma troca de informações significativas e se estabeleça o vínculo de confiança; caso essa relação não seja bem estabelecida, a confiança tende a ser menor. Além disso, é um espaço que permite ao profissional se reinventar, já que irá criar estratégias específicas para cada jovem. A educação em saúde, portanto, visa transformar os CSR em comportamentos sexuais saudáveis. Acrescenta-se, que muitos espaços onde o jovem circula são propícios para a realização de atividades de educação em saúde. Ações educativas de saúde são extremamente necessárias, pois promovem e incentivam comportamentos e práticas sexuais saudáveis, além de promover QV e ações de (auto)cuidado.³⁷

Diante disso, a educação em saúde é uma ferramenta indispensável na Atenção Básica (AB) na saúde, cujo enfermeiro é o ator de destaque. Cabe salientar, que a promoção de educação em saúde pelo enfermeiro está associada à equipe de saúde, ao usuário tanto de forma individual como coletiva, tornando-se impossível dissociar as práticas no âmbito assistencial ou educativo. Considera-se o enfermeiro como um importante agente educador, e a inserção no contexto das IES para agregar a experiência do profissional da AB aos docentes universitários na viabilização de práticas educativas no âmbito da saúde sexual e reprodutiva, com destaque para a prevenção de IST.^{1,5,9,36,37}

5 | CONCLUSÃO

Ao discutir a informação como recurso para a prevenção de infecções de transmissão sexual entre jovens universitárias, conclui-se que as participantes conhecem algum método para prevenção de IST e o preservativo é o recurso mais mencionado pelo grupo; reconhecem a importância da informação correta para a prevenção de IST, mas acreditam que deter a informação não é sinônimo de praticar o conhecimento. Destacam que a informação deve ser repassada, conforme a realidade e necessidade apresentada por cada

jovem, de maneira individualizada, desvinculada da hierarquização do conhecimento.

A possível limitação da presente investigação refere-se ao quantitativo de participantes e ter sido realizada em apenas uma universidade pública, o que impede a generalização dos achados. Seria oportuna a replicação desta investigação em outros cenários de ensino superior de cunho público e privado, entretanto, acrescenta-se que os resultados apresentados aqui se assemelham a outros estudos que abordaram essa temática.

Por fim, é notória a necessidade de maiores investimentos em pesquisa e saúde, com a retomada das políticas públicas no país no campo da saúde sexual e reprodutiva, para todos os estratos etários. Nesse contexto, ressalta-se a necessidade contínua de fortalecer a atuação da atenção básica, nos campos da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens, além de atividades contínuas, com participação ativa dos jovens. Este grupo populacional que é vulnerável as IST em decorrência de práticas sexuais inseguras, carece de informações adequadas a respeito da temática, sendo oportuna a inserção do enfermeiro com sua ação educativa, nos diferentes cenários estudantis e universitários.

REFERÊNCIAS

- 1- Melo LD, Sodré CP, Spindola T, Martins ERC, Oliveira André NLN, Motta CVV. Prevenção de infecções sexualmente transmissíveis entre os jovens e a importância da educação em saúde. *Enfermagem Global*, 2022; 21(1):74-115.
- 2- Spindola T, Fonte VRF, Francisco MTR, Martins ERC, Moraes PC, Melo LD. Práticas sexuais e comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis entre jovens universitários. *Rev. Enferm. UERJ*, 2021; 29, 63117.
- 3- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde sexual e saúde reprodutiva. Brasília: MS, 2013.
- 4- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica. Brasília: MS, 2017.
- 5- Melo LD. Conhecimentos e comportamentos de universitários sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis: estudo de método misto [Tese de Doutorado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro] - 2022. 225 f.
- 6- Brasil. Ministério da Saúde. Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais. Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas (PCAP) na população brasileira. Brasília: MS, 2016.
- 7- Queiroz CM, Arreguy-Sena C, Krempser P, Leonel M, Melo LD. Triangulação de métodos na representação social: auto punção de drogas em (ex) usuários soropositivos para HIV. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 4(3). 2014.
- 8- World Health Organization (WHO). Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Disponível em: [https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-\(stis\)](https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-(stis))

- 9- Melo LD, Spindola T, Brandão JL, Arreguy-Sena C. Políticas for health-promoting universities and prevention of sexually transmitted infections: theoretical reflection in the light of Transcultural Theory. *Rev. Enferm. UERJ*, 30(1):e64543.
- 10- Brasil. Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas. - Brasília: Senado Federal, 2013. 103p.
- 11- Bardin L. *Análise de Conteúdo. Reimpressão da edição revista e atualizada.* Campinas (SP): Editora: Autores Associados; 2020. 86p.
- 12- Oliveira DC. Análise de conteúdo temático-categorial: uma técnica maior nas pesquisas qualitativas. In: metodologias de pesquisa para a enfermagem e saúde: da teoria para a prática. 1. Ed. Porto Alegre. 2016.
- 13- Minayo MCS. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista pesquisa qualitativa*, 2017; 5(7):1-12.
- 14- Fonte VRF, Spindola T, Francisco MTR, Sodré CP, André NLNO, Pinheiro CDP. Young university students and the knowledge about sexually transmitted infections. *Escola Anna Nery*, 2018; 22(2): e20170318.
- 15- Siqueira LD, Bastos MFG, Santos AN, Silva MPM. Perfil de Estudantes Acolhidos em um Serviço de Saúde na Universidade. *Rev Bras Promoç Saúde* 2017; 30(3):1-8.
- 16- Fonseca RS, Escola J, Carvalho A, Loureiro A. O perfil sociodemográfico dos estudantes universitários: estudo descritivo correlacional entre uma universidade portuguesa e brasileira.
- 17- Siqueira LD, Bastos MFG, Santos AN, Silva MPM. Perfil de Estudantes Acolhidos em um Serviço de Saúde na Universidade. *Rev Bras Promoç Saúde* 2017; 30(3):1-8.
- 18- Graf DD, Mesenburg MA, Fassa AG. Risky sexual behavior and associated factors in undergraduate students in a city in Southern Brazil. *Rev Saúde Pública*. 2020; 54:41.
- 19- Ferreira MGAM, Gómez JL, David HMSL. Perfil de jovens universitários e as suas percepções face à maternidade e paternidade. *Revista de Enfermagem Referência*, 2019; 4(23):e218283.
- 20- Nascimento BS, Spindola T, Pimentel MRARP, Ramos RCA, Costa RS, Teixeira RS. Comportamento sexual de jovens universitários e o cuidado com a saúde sexual e reprodutiva. *Enfermeria Global*; 2018; 45(1):1-8.
- 21- Moreira LR, Dumith SC, Paludo SS. Uso de preservativos na última relação sexual entre universitários: quantos usam e quem são? *Ciência & Saúde Coletiva*, 2018; 23(4):1255-66.
- 22- Reis MEFA, Matumoto PA, Neto MB, Rezende AAA, Calábria LK. Saúde mental, uso de álcool e qualidade do sono em estudantes de uma universidade pública. *Estud. Pesqui. Psicol.*, Rio de Janeiro, 2022; 22(01): 50-66.
- 23- Sousa KPA, Medeiros ED, Araújo LF, Belo RP. Representações sociais do álcool entre estudantes universitárias brasileiras. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*. 2019; 9(1):205-28.

- 24- Monteiro RRR. Vulnerabilidades vividas por jovens universitárias em suas relações afetivas íntimas. [Dissertação de Mestrado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro]- 2021. 87 f.
- 25- Spindola T, Araújo ASB, Brochado EJ, Marinho DFS, Marins EFC, Pereira TS. Práticas sexuais e o comportamento de jovens universitários frente à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. *Enferméria Global*, 2020; 58:1-10.
- 26- Greco UD, Tupinambás M, Westin Y, Martinez M, Greco AP, Silva A. et al. Prevalence of STI among adolescent men who have sex with men (MSM) and transgender women (TGW). At high risk of HIV infection, 2020; 58:1-10.
- 27- Felisbino-Mendes MS, Araújo FG, Oliveira LVA, Vasconcelos NM, Vieira MLFP, Malta DC. Comportamento sexual e uso de preservativos na população brasileira: análise da Pesquisa Nacional de Saúde, 2019. *Rev Bras. Epidemiol.*, 2021;24(2):e210018.
- 28- Elias TC, Santos TN, Soares MBO, Gomes NS, Miranda BD, Silva SR. Conhecimento de alunas de uma universidade federal sobre doenças sexualmente transmissíveis. Rio de Janeiro: *Rev Enferm UERJ*. 2017; 25:e10841.
- 29- Furlanetto MF, Laueremann F, Costa CB, Marin AH. Educação sexual em escolas brasileiras: Revisão sistemática da literatura. *Cadernos de Pesquisa*, 2018.48(168):550-71.
- 30- Spindola T, Oliveira CSR, Costa DM, André NLNO, Motta CVV, Melo LD. Uso e negociação de preservativos por acadêmicos de enfermagem. São Paulo: *Revista Científica de Enfermagem- Recien*. 2020; 10(32):81-91.
- 31- Pinheiro TF, Calazans GJ, Ayres JRCM. Uso de Camisinha no Brasil: Um Olhar sobre a Produção Acadêmica Acerca da Prevenção de HIV/Aids (2007-2011). *Temas em Psicologia*. 2013; 21(3):815-36.
- 32- Trindade RE, Siqueira BB, Paula TF, Felisbino-Mendes MS. Uso de contracepção e desigualdades do planejamento reprodutivo das mulheres brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2021; 26(2):3493-504.
- 33- Ministério da Saúde (Br). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis (DCCI). *Boletim Epidemiológico de Sífilis Número Especial*, Out. 2022; 6(01): 60p.
- 34- Soster AP, Souza MLA, Castro EK. Percepção de risco e comportamentos de saúde em relação ao sexo casual em universitárias. *Psico-USF, Bragança Paulista*, 2021; 26(1):117-28.
- 35- Carmo BAG, Quadros NRP, Santos MMQ, Macena JKF, Oliveira MFV, Polaro SHI, Botelho EP. Educação em saúde sobre infecções sexualmente transmissíveis para universitários de Enfermagem. *Rev Bras Promoç Saúde*, 2020; 33:10285.
- 36- Monteiro RSM, Feijão, AR, Barreto VP, Silva BCO, Neco KKS, Aquino ARG. Ações educativas sobre prevenção de HIV/Aids entre adolescentes em escolas. *Enfermería Actual de Costa Rica*, 2019; 37:206-22.
- 37- Ministério da Saúde (Br). Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. *Atualização do Caderno de Atenção Básica 18: HIV/Aids, Hepatites Virais, Sífilis e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis*. Brasília: MS, 2022.